Dólar livre .... R$ 1,821/1,823
Dólar paralelo .... R$ 1,910/1,930
Dólar turismo .... R$ 1,790/1,860
Poupança 0,6999%
Euro em Londres .... 0,8935 dólar
Dólar em Tóquio .... 106,89 ienes

FOLHA DINHEIRO

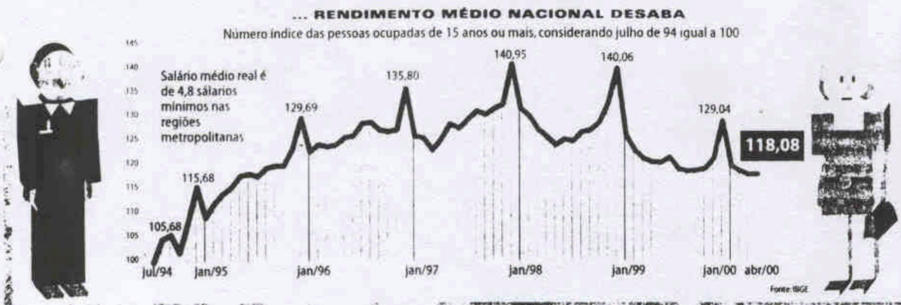
Tel.: (0xx11) 224-3373
E-mail: dinheiro@uol.com.br
Fax: (0xx11) 224-2287
Serviço de atendimento ao assinante: 0xx11 224-3090

PÁGINA B 1 ★ SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2000 ★ CONCLUÍDO ÀS 22H11

TRABALHO *Renda média dos trabalhadores tem queda de 2,1% no primeiro semestre; taxa de desemprego apresenta leve recuo*

Empregos aparecem, mas salários caem

Editoria de Arte/Folha Imagem



ISABEL CLEMENTE
DA SUCURSAL DO RIO

Mais pessoas estão trabalhando nas seis regiões metropolitanas do país por menos dinheiro. Dados divulgados ontem pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que, enquanto a ocupação subiu 4,1% de janeiro a julho, em relação ao mesmo período de 1999, o rendimento médio real do trabalhador caiu 2,1% no primeiro semestre.

E a renda dos trabalhadores cai sobre um período já crítico da economia brasileira, explica o economista Luiz Roberto de Azevedo Cunha, da PUC-RJ.

No primeiro semestre do ano passado, a renda do trabalhador havia retrocedido a um patamar inferior aos dos últimos três anos, em razão da freada provocada pela desvalorização cambial.

Como se trata de um parâmetro ruim, o economista Lauro Ramos, pesquisador do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada), não vê muita razão para comemorar a alta de 0,8% na renda de junho, contra o mesmo mês do ano passado. Nessa comparação, foi o primeiro resultado positivo depois de 18 meses.

Também explicam o rendimento menor o fato de comércio (4,3%) e trabalhadores sem carteira (9,7%) estarem puxando a criação de novos postos nesses sete meses que passaram. Isso porque os mais altos salários estão na indústria e são pagos geralmente a trabalhadores que têm carteira assinada.

Para Lauro Ramos, a queda verificada na renda este ano ainda é reflexo da baixa do ano passado. "Os rendimentos estão se recuperando." E renda é o último dos indicadores a reagir, diz.

Algumas notícias corroboram o otimismo gerado no primeiro semestre do ano. A taxa de desemprego, apesar de alta —a média dos sete primeiros meses do ano empata com a de 99 e é a segunda maior em 17 anos—, continua em queda. Passou de 7,4%, em junho, para 7,2%, em julho. Em julho de 99, estava em 7,5%.

Os dados se referem às seis regiões pesquisadas pelo IBGE (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre).

Baixaram também, nos primeiros sete meses do ano, o tempo médio de procura por trabalho, de 22,4 para 19,9 semanas, e o percentual de pessoas desempregadas há 12 meses ou mais —de 15% para 12,5%.

Segundo o IBGE, o desemprego em julho caiu por causa da menor procura por trabalho. A menor procura, dessa vez, não é consequência do desânimo dos trabalhadores, como acontece em períodos recessivos, mas, sim, fruto do crescimento da ocupação, movimento verificado em todos os setores da economia e entre todo tipo trabalhador, seja ele formal, informal ou empregador.

Tanto é assim que a taxa de participação da força de trabalho em relação à população em idade ativa voltou a subir em julho, contrariando uma tendência de queda anual registrada desde 1984, com pequenas reações isoladas.

De julho para julho, a ocupação subiu 4,9%, o que significou a entrada de quase 800 mil pessoas no mercado de trabalho. O contingente de desempregados, por sua vez, que era de 1,318 milhão de pessoas nas seis regiões no mês passado, pouco variou em relação a julho de 99. A redução foi de apenas 11 mil desempregados.

O movimento de volta ao mercado é o que impede a taxa de desemprego de cair mais significativamente, lembra Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas) e pesquisador do desemprego no país. "É um movimento por conta dos sinais de retomada da economia."

A consultora Shyrlene Ramos de Souza, responsável pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, ressalva, no entanto, que "não se espera para este ano uma reação da taxa de desemprego, porque há muitas pessoas fora do mercado querendo se recolocar".

SP tem a maior queda de desemprego no ano

[illegible] DO RIO

São Paulo, região que mais pesa nas estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e, portanto, sempre culpada pelos resultados ruins, começa a despontar também com recordes positivos na área de emprego, quando comparada às outras cinco regiões metropolitanas (Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre).

Um balanço dos sete primeiros meses do ano mostra que a região metropolitana de São Paulo teve a maior queda na taxa de desemprego. O índice médio dos sete primeiros meses baixou de 8,7% para 8,1% da PEA (População Economicamente Ativa), do ano passado para cá. A taxa de julho foi de 7,5%.

Também em São Paulo foi registrada a maior queda no tempo médio de procura por trabalho e a maior queda na taxa de desemprego entre chefes de família, redução em que empata com a de Recife.

Se, no ano passado, um desempregado demorava em média 25,6 semanas para arrumar um novo posto na região metropolitana paulista, nos sete primeiros meses do ano essa média caiu para 19,76 semanas.

Nos recordes negativos, São Paulo aparece com a maior queda do rendimento no primeiro semestre do ano (-3,53%), apesar de o salário médio ser o mais alto das seis regiões (5,9 salários mínimos). A média do país é de 4,8 salários mínimos.

Outra regiões

Salvador, onde a taxa de desemprego é sempre maior do que as demais, continua no posto com [illegible] sendo a única que subiu em relação a junho.

Mas Salvador também foi destaque em alguns bons resultados do balanço dos sete primeiros meses do ano.

Teve a alta mais significativa da ocupação geral (7%) e da ocupação em todos os setores da economia —a exceção é serviços, onde empata com Belo Horizonte—, segundo o IBGE.

A taxa de desemprego mais baixa foi novamente a do Rio de Janeiro (5,4%), a única, no entanto, que estacionou na comparação com julho do ano passado.

Na mesma comparação, a de Belo Horizonte subiu de 7,1% para 7,6%. Todas as outras taxas caíram. Em Recife o desemprego foi de 8,2% e, em Porto Alegre, de 6,9%.